ORGANIZADORES
Eduardo Ferreira Chagas
Marcos Fábio A. Nicolau
Renato Almeida de Oliveira

# Reflexões sobre a *FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO* de Hegel

FORTALEZA • 2008

**Reflexões sobre a *FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO* de Hegel**

Impresso no Brasil / Printed in Brazil
Efetuado depósito legal na Biblioteca Nacional



**Normalizaçãode texto**
Perpétua Socorro T. Guimarães • Bibliotecária CRB 3 801-98

**Projeto Gráfico e Capa**
Carlos Alberto Alexandre Dantas

**Revisão**
Maria das Graças Sampaio
Leonora Vale de Albuquerque

Rua Dom Jerônimo, 260 - Otávio Bonfim
Fone: (85) 3283.3606 Faz: (85) 3281.2841
CEP 60011-170 - Fortaleza-CE
e-mail: realceditora@realceditora.com.br

Catalogação na fonte

R 281 Reflexões sobre a fenomenologia do Espírito de Hegel./ Eduardo Ferreira Chagas, Marcos Fábio A. Nicolau e Renato Almeida de Oliveira [organizadores]. - Fortaleza: Edições UFC, 2008. (Coleção Diálogos Intempestivos, 64)

185 p.

ISBN: 978-85-72823-13-5

1. Espírito 2. Consciência 3. Verdade I. Chagas, Eduardo Ferreira II. Nicolau, Marcos Fábio A. III. Oliveira, Renato Almeida de
IV. Título

CDD: 193

## SOBRE OS AUTORES

**Ana Carolina Alencar S. A. Barreira Nanan**
Mestre em Filosofia/UFC.
kaiserin23@hotmail.com

**Ademar Cason**
Graduado em Filosofia/USF.

**Antônio Francisco Lopes Dias**
Mestre em Filosofia/UFC, Professor de Filosofia da UESPI e do ISEAF.
prof.afldias@gmail.com

**Eduardo Ferreira Chagas**
Doutor em Filosofia/Kassel-Alemanha, Professor da Graduação e Pós-Graduação do Departamento de Filosofia/UFC, Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira/UFC-FACED.
ef.chagas@netbandalarga.com.br

**Evandro de Lima Magalhães**
Graduando em Ciências Sociais/UFC, Bolsista de Iniciação Científica/CNPq.
evandroelm@yahoo.com.br

**James Wilson Januário de Oliveira**
Graduado em Pedagogia/UECE, Mestre em Filosofia/UFC.
jwjosds@yahoo.com.br

**Josyane Xenofonte**
Graduada em Filosofia/UFC
jhosyane@msn.com

**Juliano Cordeiro da Costa Oliveira**
Graduado em Comunicação Social/UNIFOR, Mestre em Filosofia/UFC.
julianocritical@bol.com.br

**Lilliany Ferreira**
Graduada em Filosofia/UFC

# A FILOSOFIA EM BUSCA DE UMA FUNDAMENTAÇÃO ÚLTIMA: HEGEL E O PROBLEMA DE UM COMEÇO ABSOLUTO[1]

*Marcos Fábio Alexandre Nicolau*[2]

Hegel realmente se depara com o problema mais relevante do idealismo alemão, a saber, a identificação do começo da reflexão metodológica da filosofia. A filosofia inicialmente, na perspectiva hegeliana, assume como reflexão o seu começo, ou seja, a tarefa de questionar seu próprio fundamento. Por isso a questão sobre o começo da filosofia somente faz sentido quando integrada no movimento mesmo do próprio filosofar, não podendo ser uma questão isolada – assim como foi a questão do próprio método hegeliano, não isolado do desenvolver do próprio conceito. Tal princípio, o ser puro, já deve ser antevisto na própria estruturação do discurso filosófico; o princípio da filosofia, segundo Hegel, já é o próprio movimento de autodeterminação do absoluto, e não uma propedêutica anterior ao desenvolver do sistema.

Assim expõe Hegel a questão central desse problema – a saber, como se faz o começo –, o que demonstra seu compromisso com os ideais já buscados por Fichte e Schelling sobre o começo, que tem que ser absoluto, não pressupondo nada, nem sendo mediado por nada ou ter um fundamento, pois deve ser ele mesmo o fundamento de si e de toda a ciência. Portanto, tem que ser absolutamente algo imediato, indeterminado e sem conteúdo, o que, segundo Hegel, somente poderia ser o puro ser. [3]

Porém, a proposta hegeliana recusa a intuição inte-

1 O presente ensaio refere-se ao segundo capítulo de minha Dissertação de Mestrado intitulada "*O Ser como começo da ciência na Ciência da Lógica de Hegel*", defendida no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFC.

2 Mestre em Filosofia pela Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará. Professor Substituto do Departamento de Filosofia da Universalidade Federal do Ceará.

3 Cf. HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Logica*. Tomo I. 2 v. 6. ed. Tradução de Augusta e Rodolfo Modolfo. Buenos Aires: Librarie Hachette, 1993. p. 90-91.

lectual, que serve de base à Fichte e Schelling. Mas então, como resolve Hegel o problema da propedêutica? Hegel distingue duas perspectivas: na perspectiva absoluta o começo é indeterminado, imediato e simples. Mas em relação ao sistema, o começo tem de ser simultaneamente resultado. Esta é a perspectiva objetiva. Ela expõe o sistema como um círculo de círculos, pelo qual o começo retorna a si, e se tem a si próprio como resultado. Na perspectiva absoluta, o começo não pertence de todo ao sistema, mas é "ainda antes da ciência." (HEGEL, 1993, p. 89). [4] Tal caráter do princípio é visto posteriormente nas *Lições de Filosofia do Direito*, onde Hegel diz que:

> A Filosofia forma um círculo: ela tem primeiro um imediato, um não demonstrado, que não é resultado, já que, em princípio, ela tem de começar. Mas com que a Filosofia começa é imediatamente relativo, uma vez que ele tem de aparecer no outro extremo como resultado. Ela é uma seqüência, que não está suspensa no ar, não é algo que começa imediatamente, senão que ela existe se perfazendo em círculo. (HEGEL, 2005, p. 40).[5]

Na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel apresentou este pensamento enquanto conhecimento autoconsciente ou saber puro, que na *Ciência da Lógica*, é um caminho pressuposto a qualquer um que queira enveredar pelo projeto da *Lógica*. Assim, a *Lógica* somente pode ser compreendida por quem parte desse pressuposto metodológico que é o saber puro, já que é pressuposto como possibilitador

4 HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Logica*. Tomo I. Op. cit., p. 89.

5 HEGEL, G. W. F. *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito ou Direito Natural e Ciência do Estado no traçado fundamental* - Introdução à Filosofia do Direito (§§1-33). Op. cit., p. 40. Sobre a idéia de círculo no método, Hegel salienta: "A causa da natureza do método, que se tem indicado, a ciência se apresenta como um círculo enroscado em si mesmo, em cujo começo, que é o fundamento simples, a mediação enrosca ao fim; deste modo este circulo é um *círculo de círculos*, pois cada membro particular, por ser animado pelo método, é a reflexão sobre si, que, enquanto torna ao começo, é ao mesmo tempo o começo de um novo membro." Idem. *Ciencia de la Logica* – Tomo II. Op. cit., p. 581-582.





do projeto da mesma *Lógica* (HEGEL, 2005, p. 89).[6] O puro saber, no qual o começo deve ser feito, tem de ser assegurado por um movimento objetivo, no caso a *Fenomenologia*. Mas como conciliar isso com um começo absoluto? Ora, a *Fenomenologia do Espírito* não é um pressuposto essencial à estrutura da *Ciência da Lógica*, sendo esta um projeto e uma obra autônoma. Saliente-se que a *Fenomenologia do Espírito* expõe "o vir-a-ser da ciência em geral ou do saber (HEGEL, 2005, p. 35),"[7] se tratando de mostrar, de fazer patentes, os conteúdos e o desenvolvimento da experiência da consciência. Poderíamos dizer que o método fenomenológico de Hegel consiste em re-considerar ou examinar os conteúdos da consciência, sua gestação e processo progressivo a partir de um começo, que Hegel situa na razão observante, até chegar a um fim, o saber absoluto.[8] Ela poria de manifesto o caminho que tem percorrido a consciência para chegar ao momento em que se encontra, o caminho que tem de percorrer todo indivíduo se é que quer chegar a este ponto último: o saber absoluto ou o espírito que se sabe como espírito.[9] Nessa perspectiva podemos afirmar que a *Lógica* pressupõe a *Fenomenologia*[10]; mas enquanto estrutura, ou seja, em um sentido genético, isso não pode ser afirmado, já que Hegel é bem explícito ao reconhecer a *Lógica* como a "ciência pura", logo, sem pressupostos. Assim a *Lógica* é "a ciência pura, quer dizer, o saber puro na amplitude total de

6 Ibidem., p. 89. Pois, como bem diz Lebrum: "o dialético, portanto, se encarrega de remar contra a corrente e de afastar seus ouvintes do uso comum da linguagem: ao deslocar os conceitos usuais, ao dissipar as pobres convicções que os induziam, ele conduzirá o interlocutor da incultura até o saber absoluto. Essa é a *paidéia* presente tanto na alegoria da Caverna quanto na *Fenomenologia*." LEBRUM, G. *O avesso da dialética* – Hegel à luz de Nietzsche. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988, p. 12.

7 Ibidem, p. 35.

8 Cf. http//:www.hegelbrasil.org/rev01e.htm.

9 Pois para Hegel esse saber de si como espírito significa que o Espírito "deve ser para si como objeto, mas ao mesmo tempo, imediatamente, como objeto suprassumido e refletido em si. Somente para nós ele é-para-si, enquanto seu conteúdo espiritual é produzido por ele mesmo. Porém, enquanto é para si também para si mesmo, então é essa dose, o puro conceito; é também para ele o elemento objetivo, no qual tem seu ser-aí e desse modo é, para si mesmo, objeto refletido em si no seu ser-aí." HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito* – Parte I. 2 vol. Tradução de Paulo Menezes com colaboração de Karl-Heinz Efken. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 33-34.

10 Perspectiva assumida por Garaudy: "A Fenomenologia do espírito, que pode assim ser considerada como uma preparação pedagógica à compreensão do idealismo absoluto que estará ao princípio da Lógica". GARAUDY, R. *Dieu est mort* – Étude sur Hegel. Paris: Presses Universitaires de France, 1970. p. 291.

seu desenvolvimento." (HEGEL, 1993, p. 65)[11], ou seja,

> [...] o saber puro, enquanto se tem fundido nesta unidade, tem eliminado toda relação com algum outro e com toda mediação; é o indistinto; por conseguinte este indistinto cessa de ser ele mesmo saber; só acaba presente a simples imediatez. (p. 90).[12]

Tal unidade alude também à união entre sujeito e objeto, que no saber puro se fundiram, impossibilitando qualquer tipo de relação nele. Sem relação não há determinação, já que algo só pode se distinguir frente à diferença. Sem alteridade resta a identidade, o que o torna indistinto e indeterminado.

Essa unidade entre conteúdo e forma se aplica à questão sobre o começo – a saber: se ele deve ser mediado ou imediato –, já que o que é mediato somente se dá como resultado da relação com outro, e o que é imediato deve ser sem precedentes e sem qualquer relação externa, tal problema é para Hegel uma questão primordial à filosofia. Por isso, Hegel diz, já com um tom de crítica as posições de Fichte e Schelling:

> [...] nada há no céu, na natureza, no espírito ou onde seja, que não contenha ao mesmo tempo a imediatez e a mediação, assim que estas duas determinações se apresentam como unidas e inseparáveis. (HEGEL, 1993, p. 88).[13]

Nessa perspectiva, Hegel justifica ter o ser como o

11 HEGEL, G. W. F. Ciencia de la Logica – Tomo I. Op. cit., p. 65.
12 Ibidem., p. 90.
13 Ibidem., p. 88. Sobre a relevância desta característica do começo sobre o método, diz Hegel: "Agora bem, posto que esta determinação é a próxima verdade do começo indeterminado, o acusa como algo incompleto, assim como acusa o método mesmo, que, partindo daquele, era só formal. Isto pode agora se expressar como a exigência já determinada de que o começo – pelo fato de ser, frente a determinação do resultado, ele mesmo um determinado –, não deve ser considerado como um imediato, senão como um mediado e deduzido." Idem. *Ciencia de la Logica* – Tomo II. Op. cit., p. 577.





começo por tê-lo como algo completamente indeterminado e imediato. Sustenta então que se um homem tenta pensar a noção de um ser puro (que é a mais abrangente e abstrata categoria de todas), encontra que ela é apenas o vazio, isto é, o nada, ou, como diz Utz, um pensamento tão somente, pois quando pensamos no ser e buscamos realizar sua idéia no pensar fazemos exatamente o que o pensar puro faz no início de seu desenvolver, pensamos um pensamento sem qualquer conteúdo ou determinação especifica, pensamos nada, efetivamos um pensar vazio, ou seja, somos uma verdadeira *tabula rasa*. (UTZ, 2005, p. 169).[14] Assim, o método hegeliano nos propõe o ser como começo, ainda que o ser puro não possua nenhum pressuposto que o justifique satisfatoriamente como começo,[15] ressalva o fato de que este ser puro caracteriza minimamente o universo e tudo o que ele inclui (afirmando tão somente que x é), sendo este ser imediato de caráter provisório.[16] É óbvio que tal posicionamento não está isento de críticas, filósofos como Kierkegaard e Feuerbach – e inclusive o próprio Schelling – se opuseram a essa tentativa hegeliana. Dirá Kierkegaard, "[...] o começo só pode ser realizado se a reflexão for interrompida, e a reflexão só pode ser interrompida através de alguma outra coisa, e essa outra coisa é algo totalmente diferente do lógico, pois é uma decisão." (KIERKEGAARD, 1991. p. 106),[17]

14 Cf. UTZ, K. O método dialético de Hegel. *Revista Veritas*. Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 165-185. Mar. 2005, p. 169.
15 Pois embora Hegel faça essa proposta com a intenção de buscar uma justificação que não se apóie em uma intuição intelectual – uma apreensão direta de certas afirmações verdadeiras somente por meio de uma inquirição abstrata, como o fez Schelling –, não pode se salvar de ser alvo da mesma crítica: não seria o ser puro hegeliano uma intuição intelectual? Até certo ponto sim, se pode interpretar dessa forma, mas o que Hegel propõe é que este ser, que pode ser tido como um primeiro dado imediato do pensar, não se basta e, como se demonstrará, somente é em seu desenvolver, logo não podemos, segundo essa perspectiva, partir de um dado imediato, mas temos que nos propor a discursividade dialética das categorias. Sobre a intuição intelectual Cf. VIEIRA, L. A. Liberdade, dialética e intuição intelectual. In: BRITO, E. F.; CHANG, L. H. (Org.). *Filosofia e método*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 19-62, p. 19-20.
16 Assim Chagas expõe esse caráter do ser: "O ser primeiro da Lógica, pensado como possibilidade ou unidade de todos os entes, é um afirmativo, um positivo, mas como dissolução e negação de toda determinação, ele é, simultaneamente, um negativo, como que um nada, o nada mesmo." Disponível em <http//:www.hegelbrasil.org/rev01e.htm>.
17 KIERKEGAARD, S. A. *Abschliessend unwissenschaftliche nachschrift zu den philosophischen Brocken*. In: Gesammelte Werke. 2. ed. Gütersloh: Ed. E, Hirsch / H. Gerdes, 1991, v. 13, p. 106 apud LUFT, E. *As sementes da dúvida*: investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana. São Paulo: Editora Mandarin, 2001. p. 50.

o que demonstraria a impossibilidade da apreensão de uma imediaticidade, o que lembra o limite proposto pela filosofia crítica de Kant. Tal decisão pelo ser como começo põe outros problemas como foi percebido por Feuerbach, o que podemos ver em Chagas:

> Em oposição a Hegel, Feuerbach pergunta em seu escrito *Zur Kritik der Hegelschen Philosophie* (Para a Crítica da Filosofia Hegeliana - 1839): deve o princípio do filosofar, como Hegel o concebe, ser o conceito abstrato do ser? "Por que eu não devo começar com ser mesmo, isto é, com o ser real? Ou por que não com a razão, já que o ser, na medida em que ele foi pensado, tal como ele é objeto na 'Logik', me remete imediatamente à razão?" (FEURBACH, 1970, p. 23-24)[18] Ou melhor: se Hegel começa com o espírito absoluto (com a razão, o saber absoluto), ele não inicia já com um pressuposto?[19]

Porém, tal fato tenta ser justificado, na ótica de Hegel, porque não começamos com a natureza, nem com o espírito, mas com o próprio absoluto, ou seja, com o próprio pensamento pensando o pensamento, pois, se a Lógica visa ser a representação de Deus antes da criação do mundo, ela realmente não poderia ser fundamentada com nada evoluído no tempo e no espaço,[20] por isso o começo é também absoluto. O leitor da *Ciência da Lógica* notará que, para não cair no regresso ao infinito (LUFT, 2001, p.18),[21] que não explica o movimento interno do primeiro-último, Hegel inicia com a auto-exposição do próprio absoluto. Absoluto esse que é essa verdade que se configura como objetividade idêntica ao conceito, que somente é na unidade do imediato e do mediato, do subjetivo e do objetivo, efetivo resultante de si mesmo (REVISTA MARGEM ESQUERDA, 2003, p. 125-148),[22] ou seja, do absoluto que traz em si mesmo o negativo. Logo, a Idéia Absoluta, resultado da *Lógica*, já está presente em todo processo, pois o processo inclui em si as oposições, os dualismo e as contradições, a Idéia não está além do processo, em um mundo das idéias, ela se faz presente dentro do próprio processo, e forma com ele uma unidade, já que para Hegel o real somente pode ser na medida em que tem a Idéia em si e a expressa:[23] "A idéia é o princípio de qualquer realidade no sentido que qualquer realidade é necessariamente conforme com a idéia."[24] Dessa forma, o processo parte do absoluto enquanto em si, indeterminado em seu começo, mas que, ao se negar em suas determinações, ruma à efetivação da Idéia Absoluta, sua determinação. Porém,

18 FEUERBACH, Ludwig. *Zur Kritik der Hegelschen Philosophie*, GW 9. Berlin, 1970. p. 23-24.

19 Disponível em: <http//:www.hegelbrasil.org/rev01e.htm>. O que é ratificado noutro texto: "O começo da filosofia não é Deus, não é o absoluto, nem o ser como predicado do absoluto ou da idéia – o começo da filosofia é o finito, o determinado, o real. O infinito não pode pensar-se sem o finito. Podes tu pensar, definir a qualidade, sem pensar numa qualidade determinada? Por conseguinte o primeiro não é o indeterminado, mas o determinado, pois a qualidade determinada nada mais é do que a qualidade real; a qualidade real precede a qualidade pensada." FEUERBACH, L. *Princípios da filosofia do futuro*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 24-25.

20 Diz UTZ: "aos que não confiam no início lógico de Hegel e suspeitam que o filósofo lhe tenha imputado, de algum modo ilegítimo, a exigência de avançar, talvez possamos responder nos seguintes termos: a exigência de estabelecer um começo, i. é, a exigência de que haja algo primacial, imediato, não é apenas uma exigência subjetiva, resultante da constituição discursiva de nosso pensar. Ela já resulta do princípio omnis determinatio est negatio, nomeadamente quando a negação é compreendida não somente como mediação em geral, mas como mediação necessariamente assimétrica. A própria negação e com isso a determinação exigem, elas mesmas, o imediato". UTZ, K. *O método dialético de Hegel*. Op. cit., p. 172.

21 Uma das principais críticas contemporâneas à busca de um princípio de fundamentação absoluta é o chamado Trilema de Münhhausen, assumido por H. Albert, do qual nos fala Luft: "Todavia, na busca dessa ansiada idéia, cairíamos reféns de um impasse com três opções, um trilema já desvendado pelos antigos céticos: para sustentar o suposto caráter indubitável de nossa idéia mais básica, precisaríamos ou recorrer a uma nova idéia, que, para ser provada, exigiria a postulação de ainda outra, e assim por diante, em um processo sem fim de justificação, ou apelaríamos a uma afirmação cuja razão de ser seria dada pela própria idéia-fundamento, ou, por fim, decretaríamos a indubitabilidade dessa idéia sem razões para tanto. Ou seja, cairíamos ou um regresso sem fim na argumentação, ou em má circularidade, ou ainda em uma postura dogmática." LUFT, E. *As sementes da dúvida*: investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana. Op. cit., p. 18.

22 "O efetivo é reconhecido como tal pelo fato de se colocar acima do contingente, daquilo que, apesar de expressar possibilidade de existência, pode não ser. O efetivo é algo que se coloca para além do real. Entre aquilo que é suprassumido (*aufgehoben*) e o ser-aí (*Dasein*) do objeto, sua existência, coloca-se a condição para a efetividade, que é resultado. Do ponto de vista hegeliano, o real em si mesmo, não é necessariamente racional. Somente a realidade tornada sintética, suprassumida, é que se põe como o efetivo verdadeiro." RANIERE, J. Sobre Hegel – algumas notas acerca de método e teleologia. *Revista Margem Esquerda: Ensaios Marxistas*. Campinas, n. 1, Maio. 2003. p. 125-148.

23 Pois afirma Hegel: "Se algo tem verdade, o tem por meio da idéia, ou seja, algo tem verdade somente enquanto é idéia". HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Logica* – Tomo II. Op. cit., p. 471.

24 NOËL, G. *La Logique de Hegel*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1933, p. 12.

se note que tal assertiva, de que o absoluto já se encontra no começo da *Lógica*, somente pode ser constatada ao fim do processo, pois Hegel em nenhum momento quer dizer que ao se começar pelo ser já se pressupõe que esse visa à Idéia Absoluta, tudo se dá por meio do processo dialético. Do contrário, Hegel estaria à mercê de mais críticas quanto à fragilidade de sua discursividade: seria óbvio que chegaríamos ao absoluto, se partíssemos já de sua pressuposição como fim necessário do sistema, o que não é a proposta de Hegel. Dessa forma, elaborar uma exposição do absoluto – o que já foi salientado no prefácio à *Fenomenologia do Espírito* como o mais fundamental e, portanto, o mais difícil[25] –, significa começar pelo ser puro, vazio, indeterminado, na lógica do ser, e mostrar como as determinações do sistema constituem sua explicitação.

A simples imediatez é considerada por Hegel como sendo o ser puro, pois é este que melhor expressa essa indeterminação, e que, assim como o saber puro, não significa nada mais que o ser em geral, totalmente abstrato e "sem outras determinações nem complementos." (HEGEL, 1993, p. 23).[26]

Por isso, o ser puro "é o que começa" (HEGEL, 1993, p. 90)[27], o início absoluto ou puramente abstrato, que foi mediado pela pura abstração do saber puro e é imediato em si mesmo, não pressupondo nada. Ele é, para Hegel, o simples começo, e se é começo deve necessariamente ser também tido como fundamento da ciência. O ser puro então é imediato, indeterminado, indistinto, sem relação e sem conteúdo, porém traz em sua própria estrutura o impulso necessário ao desenvolver do sistema, a já mencionada "contradição por insuficiência.":

> Como, entretanto, o método é a forma objetiva, imanente, o momento imediato do começo tem que ser nele mesmo o defeituoso, e tem que possuir o dom do impulso para seguir adiante. (HEGEL, 1993, p. 565)[28]

25 Cf. HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito* - Parte I. Op. cit., p. 23.
26 Idem. *Ciencia de la Logica* – Tomo I. Op. cit., p. 90.
27 Cf. Ibidem.
28 Idem. *Ciencia de la Logica* – Tomo II. Op. cit., p. 565. Sobre esse impulso que o





A lógica hegeliana propõe um avançar que, na verdade, "[...] é um retroceder ao fundamento, ao originário e verdadeiro, do qual depende o princípio com que se começou e pelo qual na realidade é produzido." (HEGEL, 1993, p. 92)[29] Como dito acima, com todas as reservas observadas, o sistema já pressupõe o absoluto nesse começo, pois nesse desenvolver, nesse avançar, o que ocorre realmente é um aprofundar, um retroceder ao mais fundamental, que é justamente o absoluto.

Há uma circularidade no sistema onde a seqüência de argumentos leva ao que realmente importa, a ciência na qual "o Primeiro se torna também o Último, e o Último se torna também o Primeiro." (HEGEL, 1993, p. 92-93)[30] É o avançar como suprassumir de cada momento, ou seja, mesmo ultrapassando não abandona como algo inútil, mas reconhece como constituinte seu. Assim o começo, como todos os momentos ulteriores ao último momento ao qual se chegou, estão presentes nas demais etapas desse processo. (HEGEL, 1995, p. 175-179)[31]

Diz-se que o absoluto é o visado justamente por isso: a *Lógica* desde seu começo já traz em si o Idéia Absoluta, resultado que já se faz presente no começo, fazendo com que a ciência da lógica seja um processo de retorno ao começo, porém nesse retorno aquilo que se tinha como um indeterminado e vazio se apresentará então como o mais concreto e real (HEGEL in NOEL, 1933, p. 11).[32] Com isso

primeiro princípio da lógica, o ser, traz em si como conseqüência de sua ligação ao método, esclarece Aquino: "Desde o ponto de vista da forma absoluta, o método articula-se através destes elementos: começo, avançamento e desenvolvimento e a unidade entre imediaticidade e mediação. Antes de tudo é preciso observar que o começo da forma absoluta se acha no elemento do pensamento, assim não se trata nem de um começo assumido, nem de um começo representado. Na perspectiva do método absoluto, este começo é algo simples e universal. Mas o universal agora não é mais abstrato e, sim, carrega em si a totalidade concreta que resultou ser a idéia. O começo é um universal objetivo que, porém, não foi posto. A totalidade ainda não é para si." AQUINO, M. F. de. *O conceito de religião em Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p. 77-78.
29 HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Logica* – Tomo I. Op. cit., p. 92.
30 Ibidem. Ou, como continua Hegel: "o avançar desde o que constitui o começo, deve ser considerado só como uma determinação ulterior do mesmo começo, de modo que aquele com que se começa continua como fundamento de tudo o que segue, e do qual não desaparece [...] o começo da filosofia é o fundamento presente e perdurável em todos os sucessivos desenvolvimentos; o que permanece imanente de modo absoluto em suas determinações ulteriores." HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Logica* – Tomo I. Op. cit., p. 92-93.
31 Cf. HEGEL. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* – a Ciência da Lógica. Tradução de Paulo Menezes, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 175-179.
32 "Se parte do indeterminado para conduzir ao determinado e assim consequentemente este aparece como o resultado do processo dialético, Hegel declara expressa e

não se pretende contradizer a assumida afirmação de que o absoluto produz a si mesmo, na medida em que os conceitos vão sendo determinados pelo método dialético. Ao falarmos que o absoluto, enquanto idéia absoluta, já está no início do processo, o falamos porque já percorremos o trajeto inteiro que é a *Lógica* enquanto obra, pois, na verdade, somente temos acesso à idéia ao final do longo processo de tematização dos conceitos no decorrer da *Ciência da Lógica*, e desse argumento não queremos sair. Mas entendemos que Hegel, ao escrever a *Lógica*, realmente já vislumbrava seu resultado, o absoluto, o processo dialético já estava realizado, por isso a *Lógica* é uma descrição possível desse processo, visto pelo filósofo em sua totalidade. Mas é óbvio que enquanto próprio ocorrer do processo, o absoluto deve ser conhecido como a própria autoprodução de si, ou seja, ele é deslumbrado na medida em que os conceitos vão sendo determinados. O pôr de tal questão em nosso trabalho se baseia tão-somente na distinção entre a *Lógica* enquanto ciência e a *Lógica* enquanto obra escrita de Hegel, pois reconhecemos que nela ocorre uma autoprodução e não uma simples teleologia sistemática.

Diremos, então, com Chagas, que:

> Hegel inclui igualmente com o começo o fim, pois sua filosofia, como expressão completa da liberdade do espírito, é, a rigor, um sistema, que não se apóia sobre a contemplação sensível, mas sobre o pensar que se pensa a si mesmo, por isso aquilo, que é primeiro, é também último para si mesmo, e assim volta o fim para o começo (CHAGAS, 2005 on line).[33]

Quanto ao ser puro, Hegel salienta que ele é a unidade à qual torna o saber puro, ou seja, constitui o conteúdo mesmo desse saber. Esse é o aspecto pelo qual este ser puro, este imediato absoluto, resulta igualmente um mediato absoluto, sua relação a esse saber puro. Porém, como princípio da ciência, deve ser tomado essencialmente só em sua unilateralidade, na qual é pura imediatez, justamente porque neste caso é começo. Se não fora ele esta indeterminação pura, se fosse determinado, seria tomado como mediato, como já ulteriormente elaborado; pois um determinado contém outra coisa, além de um primeiro, portanto, pertence à natureza do começo mesmo que este seja o ser, e nada mais. (NOEL, 1933, p. 93-94).[34]

Como toda determinação pressupõe relação e conteúdo, o que gera um algo, o começo, o ser puro, deve necessariamente ser indeterminado. E se traz em si alguma determinação, é ela negativa. (HEGEL, 1993, p. 94).[35]

Assim, o começo em Hegel recebe o sentido de uma verdadeira gênese lógica, pois a partir dele todo o sistema deve ser constituído. Porém, para Hegel todo começo possui uma natureza dialética, pois é ele tanto um imediato, um pressuposto, um marco zero de onde se parte, quanto é um mediato, pois apenas no fim é que o começo é verdadeiro e efetivo.

> A questão do começo converte-se deste modo no lugar sistemático do reconhecimento e da justificação do projeto hegeliano de uma filosofia que quer para si o estatuto, não de amor ao saber, mas de saber efetivo. (HEGEL, 1990, p. 10).[36]

Do ser não se pode dizer outra coisa senão que é. Mas um ser assim indeterminado "transita" no seu oposto, no conceito de nada. A separação do ser e do nada é,

repetidamente que isso é uma pura aparência e que o pretenso resultado é verdadeiramente o princípio". NOËL, G. *La Logique de Hegel*. Op. cit., p. 11.

33 Disponível em: <http//:www.hegelbrasil.org/rev01e.htm>.

34 Cf. NOËL, G. *La Logique de Hegel*. Op. cit., p. 93-94. Nas palavras de Hegel: "Portanto o começo não tem, pelo método, nenhuma outra determinação que a de ser o simples e universal; está é precisamente a determinação pela qual o começo é defeituoso. A universalidade é o conceito puro, simples, e o método como consciência dele, sabe que a universalidade é somente um momento, e que o conceito, nela, não está todavia determinado em si e por si." HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Logica* – Tomo II. Op. cit., p. 565.

35 Idem. *Ciencia de la Logica* – Tomo I. Op. cit., p. 94.

36 Idem. *Prefácios*. Tradução, introdução e notas de Manuel J. Carmo Ferreira. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1990. p. 10.

portanto, apenas aparente: na realidade esses são os dois momentos, ainda opostos, de uma única realidade – o que escapa a Parmênides, o qual enrijece intelectualmente a sua oposição. Esta síntese, como bem havia dito Heráclito, é o devir: "[...] confluência dinamicamente dialética do ser e do nada, expressão legítima da vida, que não se deixa cristalizar, e que somente é se negando a cada momento." (SOUZA, 2005, p. 159).[37] Esse desenvolver sistemático que Hegel propõe na Lógica, não possui outro objetivo senão a de uma

> [...] exigência de mostrar o ser, [que] (acréscimo nosso) tem um sentido interno ulterior, onde não apenas se encontra essa determinação abstrata, senão que se entende com ela a exigência de realização do conceito em geral, que não se encontra no começo mesmo, senão que é o fim e a tarefa de todo ulterior desenvolvimento do conhecer. (HEGEL, 1993, p. 564) .[38]

Assim o princípio da Lógica é o ser, que desemboca na essência e culmina no conceito. Se o ser é nada, então ele é algo e, portanto, tem uma certa determinação. O desenvolvimento da lógica hegeliana não alcança algo exterior ou desconhecido no princípio, pois o princípio já é o fim. Não se pode ignorar o fim, pois, já quando principia o pensamento especulativo, todos os momentos estão dados: resta descrevê-los e explicá-los. Que queremos dizer? Na verdade, devemos compreender que a *Ciência da Lógica*, enquanto obra, tenta realizar uma descrição do processo basilar do real. Mas, nos cabe, antes de nos aventurarmos na filosofia do real, apreendê-lo em suas origens. É assim que, ao final da *Lógica*, ao alcançar o conceito, se volta ao ser. O que resulta é um movimento circular sem início nem fim, ou no qual o fim é o começo. O movimento do pensamento revela o real, revelado pela dialética, que corresponde ao próprio modo de manifestação do ser.

37 SOUZA, R. T. de. Hegel e o infinito – alguns aspectos da questão. *Revista Veritas*. Porto Alegre, v. 50, n. 2, p. 155-174, jun. 2005, p. 159.
38 HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la Logica* – Tomo II. Op. cit., p. 564.





O ser, enquanto conteúdo da Lógica, enquanto exposto conceitualmente, é dialético; o movimento do ser é o mesmo do pensamento. Por isso Hegel, partindo do ser, da imediaticidade, chega ao conceito. Pois o conceito já estava pressuposto no ser e, por sua vez, pressupõe o ser: o ser é um momento do conceito, porém o ser contém em si o conceito. Através da dialética é possível partir de um imediato indeterminado e alcançar o mediato determinado. A suprassunção de um conceito pela utilização de sua negação resulta em um conceito enriquecido, pois ele é o resultado de um processo e contém em si todo esse processo.

Portanto, o ser na sua forma imediata como indeterminado ou, posteriormente, como determinado em si se revela como parte da essência entendida como reflexão. A reflexão, que poderia ser pensada, no início, como exterior ao ser, se torna, pelo método dialético, determinante do ser: contém o ser em si.

O ser, do qual fala Hegel, é uma esfera da lógica, que parece estar antes de toda a lógica consciente e, por isso, parece se desenvolver independente de todo conhecimento e todo pensamento, motivo esse que nos justifica, como o fizemos acima, desconsiderar a *Fenomenologia* como pressuposto da *Lógica*. A reflexão opera a divisão e a oposição entre contrários que se relacionam. A superação e, ao mesmo tempo, a conservação do momento reflexivo são operadas com o ingresso da razão no absoluto.

O movimento circular da *Lógica* impede a progressão do pensamento *ad infinitum*. O conceito é infinito como verdade absoluta, porém, não é inalcançável: o todo e a verdade fazem parte do pensamento filosófico que reflete sobre si mesmo e, por isso, é chamado de especulativo. O pensamento do absoluto, ou do todo existente, só é alcançado pela razão em sua liberdade.

## Referências Bibliográficas

AQUINO, M. F. de. *O conceito de religião em Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

CHAGAS, E. F. *A Questão do começo na filosofia de Hegel* – Feuerbach: crítica ao começo da filosofia de Hegel na ciência da lógica e na fenomenologia do espírito. *Revista Eletrônica de Estudos Hegelianos*, Recife/PE, v. 2, n. 01, 2005. Disponível em: <http//:www.hegelbrasil.org/rev01e.htm>. Acesso em: 18 Agos 2005.

FEUERBACH, L. *Princípios da filosofia do futuro*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.

GARAUDY, R. *Dieu est mort* – Étude sur Hegel. Paris: Presses Universitaires de France, 1970.

HEGEL, G. W. F. *Ciencia de la logica* – Tomos I e II. 2 v. 6. ed. Tradução de Augusta e Rodolfo Modolfo. Buenos Aires: Librarie Hachette, 1993.

__________. *Enciclopédia das ciências filosóficas* – a ciência da lógica. Tradução de Paulo Menezes, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

__________. *Prefácios*. Tradução, introdução e notas de Manuel J. Carmo Ferreira. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1990.

__________. *Fenomenologia do espírito* – Parte I. 2 v. Tradução de Paulo Menezes com colaboração de Karl-Heinz Efken. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

__________. *Linhas fundamentais da filosofia do direito ou direito natural e ciência do estado no traçado fundamental* - Introdução à Filosofia do Direito (§§1-33). Tradução, notas e apresentação de Marcos Lutz Muller. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2005.

KIERKEGAARD, S. A. Abschliessend unwissenschaftliche nachschrift zu den philosophischen Brocken. In: Gesammelte Werke. 2. ed. Gütersloh: Ed. E, Hirsch / *H. Gerdes*, 1991, v. 13, p. 106.

LEBRUM, G. *O avesso da dialética* – Hegel à luz de Nietzsche.





Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

LUFT, E. As sementes da dúvida: investigação crítica dos fundamentos da filosofia hegeliana. São Paulo: Editora Mandarin, 2001.

NOËL, G. *La Logique de Hegel*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1933.

RANIERE, J. Sobre Hegel: algumas notas acerca de método e teleologia. *Revista Margem Esquerda: Ensaios Marxistas*. Campinas, n. 1, Maio, 2003, p. 125-148.

SOUZA, R. T. de. Hegel e o infinito – alguns aspectos da questão. *Revista Veritas*, Porto Alegre, v. 50, n. 2, p. 155-174, jun. 2005.

UTZ, K. O método dialético de Hegel. *Revista Veritas*, Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 165-185. Mar. 2005.

VIEIRA, L. A. Liberdade, dialética e intuição intelectual. In: BRITO, E. F.; CHANG, L. H. (Org.). *Filosofia e método*. São Paulo: Edições Loyola, 2004, p. 19-62.